

## A CRÔNICA SOCIAL, UM “PROTESTO TÍMIDO”

Talita Carlos Tristão<sup>1</sup>

Mestre em Letras – Universidade Vale do Rio Verde

**Resumo:** Neste artigo destacamos a categoria “crônica social”, derivada de nosso estudo sobre as crônicas do mineiro Fernando Sabino. A crônica social também tem origem na observação prosaica, no entanto, os temas abordados nas crônicas sociais se reportam a questões humanas e universais e é na forma de um “protesto tímido” que o autor recorre ao poético para fazer valer sua crítica.

**Palavras-chave:** Crônica, Crônica Social, flagrante do cotidiano, Sabino.

Fernando Sabino, mineiro e escritor de produção intensa, premiado pela Academia Brasileira de Letras e estimado como um dos autores fundamentais para a afirmação da crônica no Brasil, como cronista criou um estilo próprio contribuindo com o gênero, à sua maneira sagaz e peculiar. Registrou em suas crônicas diversas situações e circunstâncias ocorridas nos meios em que viveu, transpondo para o leitor sua percepção através de um olhar sensível e singelo.

Em *A Crônica*, Jorge de Sá observa que Sabino se valeu de um recorrente recurso linguístico em suas crônicas: a metalinguagem. Em vários textos, Sabino conjectura com o leitor a respeito de seu ofício como escritor, indagando e postulando quais seriam os assuntos pertinentes a uma crônica, além de inserir, também, reflexões sobre o próprio código linguístico – a Língua Portuguesa. Muitas das crônicas, por meio da discussão do fazer cronista, reportam-se a processos intertextuais, seja por meio da

---

<sup>1</sup> E-mail: tatazinhatc@gmail.com

evocação direta e indireta de textos literários, seja por meio da alusão ou citação do nome de importantes cronistas, seja ainda pela relação dialogal estabelecida com seu leitor.

Como um “espião da vida”, Sabino sempre buscou captar o “pitoresco” ou o “irrisório” no cotidiano de cada um, “quer num flagrante de esquina, nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico”. (SÁ, 2005, p. 21). Jorge de Sá considera que “a busca do pitoresco permite ao cronista captar o lado engraçado das coisas, fazendo do riso um jeito ameno de examinar determinadas contradições da sociedade.” (SÁ, 2005, p. 23). Essa característica da crônica de Sabino é observada por Antônio Candido como própria ao gênero, pois, segundo o crítico, “a crônica pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezague de uma aparente conversa fiada.” (CANDIDO, 1992, p. 20). Em diversas crônicas do escritor mineiro, encontramos tal aspecto, em que o escritor “abandona o diálogo com o leitor, desviando o foco narrativo da primeira para uma falsa terceira pessoa: o narrador reassume, então, sua máscara ficcional, embora saibamos que quem fala na crônica é sempre o próprio cronista.” (SÁ, 2005, p. 23).

Além do humor, que faz com que assuntos sérios sejam tratados com extrema leveza, Sabino também se vale de alguns recursos particulares como exploração máxima de uma subjetividade encenada, exercida através do constante diálogo com o leitor (como se fosse uma conversa íntima ao pé do ouvido); a ambiguidade (junção do uso exclusivo de diálogos e a concentração do relato numa situação exemplar, compondo um texto que fica entre a crônica e o conto) e a singeleza.

É possível uma tentativa de classificação ou tipologia das crônicas de Sabino a partir de alguns temas e processos recorrentes, lembrando que muitas vezes as crônicas do autor fogem a uma marcação formal rígida, já que são dotadas de uma mistura de procedimentos que as deslocam de um campo ao outro dependendo da abordagem do leitor. O próprio Sabino reconhecia isso ao afirmar que “os gêneros têm fronteiras cada vez mais flexíveis, são intercomunicáveis, a ponto de escapar às classificações

tradicionais.” (SABINO, 2001, p. 8). Além disso, como veremos, as crônicas do autor simulam um processo de simultaneidade entre fato e escrita, dando ao leitor a sensação de que ela é elaborada diante dele. Muitas vezes, a opção de Sabino é a desmontagem do texto, revelando os caminhos percorridos para a escrita final.

Destacamos aqui uma das categorias das crônicas de Sabino – a crônica social, que casa bem com a proposta geral do gênero, pois nasce da observação flagrante do cotidiano a partir de um dado social como ocorre em “Menino de rua”, publicada em *A Vitória da Infância* (1995):<sup>2</sup>

Eram dez e meia da noite e eu ia saindo de casa quando o menino me abordou. Por um instante pensei que pedia dinheiro. Cheguei a lhe estender uma nota de dez cruzeiros, ele pareceu surpreso mas aceitou. Usava uma camisa velha e esburacada do Botafogo, o calção deixava à mostra as perninhas finas que mal se sustinham nos pés descalços. Era moreno, com aquela tonalidade encardida que a pobreza tem. Segurava uma pequena caixa de papelão já meio desmantelada.

- Que é mesmo que você pediu? Não foi dinheiro?
- Uma coberta.
- Uma coberta? Para quê?
- Pra eu dormir.

Realmente estava frio, mas onde ele queria que eu arranjasse uma coberta? O jeito era voltar em casa, descobrir uma coberta velha, trazer para ele. Foi o que fiz: apanhei uma colcha já usada mas ainda de serventia e lhe trouxe. Ele aceitou com naturalidade, sem me olhar nos olhos. Não parecia ter mais de nove anos, mas me disse que já tinha treze.

- Onde é que você dorme?
- Num lugar ali – e fez um gesto vago para os lados da praça General Osório.

- Dorme sempre na rua? Não tem casa?
- Tenho.
- Onde?
- Em Austin.
- Onde fica isso? É longe daqui?
- Não é não. Fica no Estado do Rio.
- Por que você não vai pra casa?

Ele mordeu o lábio inferior, calado um instante, mas acabou respondendo:

---

<sup>2</sup> A primeira edição desta obra foi publicada em 1984.

- Mamãe me expulsou.  
- Por quê? Alguma você andou fazendo.  
- Não fiz nada não – reagi eu, de súbito veemente: - Minha irmã é nervosa, quebrou o vidro da televisão e disse que fui eu. Então minha mãe me expulsou.  
- Quando foi isso?  
- Tem quase três anos.  
- Três anos? E você nunca mais voltou?  
- Voltei não.  
- Como é que você viveu esse tempo todo? Que é que você come?  
- Peço resto de comida.  
- Pra que serve esse papelão?  
- Pra cobrir o chão de dormir.  
- Você tem algum amigo?  
- Não gosto de amigo não, que amigo faz trapalhada e a gente é que acaba preso.  
O nome dele era Carlos Henrique.  
- Volta pra casa, Carlos Henrique.  
E fiz uma pequena pregação: mãe é sempre mãe, ela devia estar sentindo falta dele. Melhor em casa que ficar por aí na rua, sem ter onde dormir. A mãe trabalhava em Nova Iguaçu, ele me havia dito, devia viver da mão pra boca, mas ainda era pra ele a melhor solução. Não tinha nem nunca teve pai.  
- Você sabe ir até lá?  
- Sei. Tomo o ônibus até a Central e lá pego o trem até Austin.  
- Então vai mesmo, heim?  
Ele prometeu ir assim que o dia clareasse. Para isso dei-lhe mais algum dinheiro e ele se afastou, com sua colcha e seus pedaços de papelão, esgueirando-se pelos cantos como um ratinho.  
Não acredito que tenha ido. Certamente continuará rolando por aí mesmo, mais dia menos dia transformado em pivete, se exercitando na prática de pequenos furtos, em que, pelo jeito, ainda não se iniciou. E se por acaso voltarmos a nos encontrar daqui a uns poucos anos, não me resta nem a esperança de que me reconheça e não me mate – pois seguramente, e com justas razões, já estará transformado em assaltante. (SABINO, 1995, p.31-34).

Nesta crônica temos um narrador-andarilho-observador que constrói seu texto engendrado na observação dos acontecimentos da rua; no entanto, o narrador não busca o acontecimento, mas se depara com ele bem próximo a sua casa, pois “ia saindo de casa” quando foi abordado por um menino. A descrição do menino esboçada pelo

narrador faz com o que leitor construa uma imagem de menor abandonado, morador de rua, mendigo, e já se compadeça com sua situação. Gradativamente, enquanto expõe o diálogo com o menino, não só o narrador demonstra ter se interessado e compadecido com a história, mas o leitor também vai sendo envolvido pelos fatos apresentados.

Aqui não há um passeio como o proposto em “Carioca” (*Livro Aberto*, 2001), nem uma cena familiar como em “A última crônica” (*A companheira de viagem*, 1977), mas no estilo deste último, o tema abordado se reporta a questões humanas e universais, contornadas pelo social, que Sabino estruturou de forma simples e dialógica, recorrendo à sua maneira singela particular. Tal estruturação dialógica leva a um reconhecimento do leitor que se sente, assim como o narrador, tocado pelo episódio – trata-se, nesse caso, de uma identificação entre narrador e leitor construída pelo modo de condução da crônica.

“Notícia de Jornal”, de *A mulher do vizinho* (2008), é um texto que chama a atenção, inicialmente, por revelar, em seu título, sua construção inspirada em uma notícia de jornal. Ou seja, o jornal assume, aqui, mais uma vez, a função de fonte de fornecimento de matéria narrativa.

Leio no jornal a notícia de que um homem morreu de fome. Um homem de cor branca, trinta anos presumíveis, pobremente vestido, morreu de fome, sem socorros, em pleno centro da cidade, permanecendo deitado na calçada durante setenta e duas horas, para finalmente morrer de fome.

Morreu de fome. Depois de insistentes pedidos de comerciantes, uma ambulância do Pronto Socorro e uma radiopatrulha foram ao local, mas regressaram sem prestar auxílio ao homem, que acabou morrendo de fome.

Um homem que morreu de fome. O comissário de plantão (um homem) afirmou que o caso (morrer de fome) era da alçada da Delegacia de Mendicância, especialista em homens que morrem de fome. E o homem morreu de fome.

O corpo do homem que morreu de fome foi recolhido ao Instituto Médico-Legal sem ser identificado. Nada se sabe dele, senão que morreu de fome.

Um homem morre de fome em plena rua, entre centenas de passantes. Um homem caído na rua. Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um

proscrito, um bicho, uma coisa – não é um homem. E os outros homens cumprem seu destino de passantes, que é o de passar. Durante setenta e duas horas todos passam, ao lado do homem que morre de fome, com um olhar de nojo, desdém, inquietação e até mesmo piedade, ou sem olhar nenhum. Passam, e o homem continua morrendo de fome, sozinho, isolado, perdido entre os homens, sem socorro e sem perdão.

Não é da alçada do comissário, nem do hospital, nem da radiopatrulha, por que haveria de ser da minha alçada? Que é que eu tenho com isso? Deixa o homem morrer de fome.

E o homem morre de fome. De trinta anos presumíveis. Pobremente vestido. Morreu de fome, diz o jornal. Louve-se a insistência dos comerciantes, que jamais morrerão de fome, pedindo providências às autoridades. As autoridades nada mais puderam fazer senão remover o corpo do homem. Deviam deixar que apodrecesse, para escarmento dos outros homens. Nada mais puderam fazer senão esperar que morresse de fome.

E ontem, depois de setenta e duas horas de inanição, tombado em plena rua, no centro mais movimentado da cidade do Rio de Janeiro, um homem morreu de fome.

Morreu de fome. (SABINO, 2008, p.39-40, grifos nossos).

Segundo Antônio Candido, é curioso como em algumas crônicas os escritores “mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos dos homens, mas podem levar longe a crítica social.” (CANDIDO, 1992, p.17). Podemos afirmar que essa crônica é um exemplo da declaração de Candido, pois o narrador-autor, em seu “flagrante do cotidiano”, aproveitou-se de uma notícia de jornal – fugaz e efêmera – para a construção da crônica engendrada na crítica social e política. Para isto, Sabino valeu-se da expressão “morreu de fome”, repetindo-a vinte e uma vezes no texto. Este artifício linguístico além de demarcar a crítica social, chama a atenção do leitor para um acontecimento claramente banal que, ao ser captado pelo autor, torna-se singular.

Observamos que o início da crônica descreve o acontecimento tal qual uma notícia jornalística: objetiva, literal, rápida, mas à medida que o texto avança, percebe-se que o autor constrói um retrato da realidade onde as instituições são falhas e as pessoas indiferentes. Há também um “rebaixamento” da condição humana no trecho

“um bicho, uma coisa – não é um homem”, pois afirma que o homem caído na rua podia ser qualquer coisa, menos um homem. Ao ler a crônica de Sabino somos levados, quase que diretamente, ao poema “O bicho”, de Manuel Bandeira:

Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio,  
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,  
Não examinava nem cheirava:  
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão.  
Não era um gato.  
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem. (BANDEIRA, 2006, p. 35).

O diálogo entre Sabino e Bandeira é possível devido ao modo como ambos captam o cotidiano e a realidade (a fome do homem), observando a “desumanização” do homem por meio da expressão “bicho”: enquanto na crônica de Sabino, o bicho não era um homem, no poema o espanto nasce da igualdade entre homem e bicho.

“Protesto tímido”, de *A Vitória da Infância* (1995), contém um episódio que se assemelha ao da crônica “Menino de rua”.

Ainda há pouco eu vinha para casa a pé, feliz da minha vida, e faltavam dez minutos para meia-noite. Perto da Praça General Osório, olhei para o lado e vi, junto à parede da esquina, algo que me pareceu uma trouxa de roupa, um saco de lixo. Alguns passos mais e pude ver que era um menino.

Escurinho, de seus seis ou sete anos, não mais. Deitado de lado, braços dobrados como dois gravetos, as mãos protegendo a cabeça. Tinha os gambitos também encolhidos e enfiados dentro da camisa de meia esburacada, para se defender contra o frio da noite. Estava dormindo, como podia estar morto. Outros, como eu, iam passando, sem tomar conhecimento de sua existência. Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, traste inútil, abandonado sobre a calçada. Um menor abandonado.

Quem nunca viu um menor abandonado? A cinco passos, na casa de sucos de frutas, alguns mastigavam sanduiches. Além, na esquina da praça, o carro da radiopatrulha estacionado, dois boinas-

pretas conversando do lado de fora. Ninguém tomava conhecimento da existência do menino.

Segundo as estatísticas, como ele existem nada menos que 25 milhões no Brasil, que se pode fazer? Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso? Resolveria o seu problema? O problema do menor abandonado? A injustiça social?

*A injustiça não se resolve.*

*À sombra do mundo errado*

*Murmuraste um protesto tímido.*

Então vim pra casa, os versos do poeta se repetindo na minha cabeça. Não sou poeta e minha prosaica competência se limita a este retângulo impresso, onde me cabe escrever amenidades sobre a vida de todo dia, para distrair o leitor. E convenhamos que não é nada ameno como assunto um menor abandonado que me pareceu a poucos passos um simples monte de lixo. Remover esse lixo? Pagar a taxa da Comlurb? Ou seria melhor incinerar? Dizem os entendidos que o problema é de ordem econômica, ou seja, mais de ordem técnica que de ordem moral. Precisamos enriquecer o país, produzir, economizar divisas, combater a inflação, pechinchar. O Brasil é feito por nós. Com isso, todos os problemas se resolverão, inclusive o do menor abandonado.

Vinte e cinco milhões de menores – um dado abstrato, que a imaginação não alcança. Um menino sem pai nem mãe, sem o que comer nem onde dormir: isto é um menor abandonado – hoje em dia designado eufemisticamente menino de rua. Para entender, só mesmo imaginando meu filho largado no mundo aos seis, oito, dez anos de idade, sem ter para onde ir nem para quem apelar. Imagino que ele venha a ser um desses que se esgueiram como ratos em torno aos botequins e lanchonetes e nos importunam cutucando-nos de leve – gesto que nos desperta mal contida irritação – para nos pedir um trocado. Não temos disposição sequer para olhá-lo e simplesmente o atendemos (ou não) para nos livrarmos depressa de sua incômoda presença. Com o sentimento que sufocamos no coração, escreveríamos toda a obra de Dickens. Mas estamos em pleno século 20, vivendo a era do progresso para o Brasil, conquistando um futuro melhor para os nossos filhos. Até lá, que o menor abandonado não chateie, isso é problema para o juizado de menores. Mesmo porque são todos delinquentes, pivetes na escola do crime, cedo terminarão na cadeia ou crivados de balas pelo Esquadrão da Morte.

Pode ser. Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo. (SABINO, 1995, p. 101-104).

Podemos afirmar que esta crônica dialoga com “Menino de rua”, uma vez que os fatos narrados se assemelham como se um menino continuasse outro, como representação de todos os “meninos de rua”. Aqui, o narrador-autor está indo na direção de sua casa quando se depara com um menino “Deitado de lado, braços dobrados como dois gravetos, as mãos protegendo a cabeça”. Em “Menino de rua”, o narrador-autor estava saindo de casa quando um menino o abordou, estabelecendo um diálogo; aqui, em “Protesto tímido”, o menor foi confundido com “uma trouxa de roupa, um saco de lixo” devido ao fato de parecer que “Estava dormindo, como podia estar morto”. O trecho “Não era um ser humano, era um bicho, um saco de lixo mesmo, traste inútil, abandonado sobre a calçada. Um menor abandonado” nos remete à crônica “Notícia de jornal” onde o homem que morreu de fome teve a mesma classificação que o menor abandonado: tanto um quanto o outro estavam à margem da sociedade. Assim como a expressão “morreu de fome” foi repetida várias vezes; aqui, observamos que a expressão “menor abandonado” se repetiu gradativamente completando o sentido do fato.

Mais uma vez a relação intertextual se faz presente, acionada de maneira indireta pelos versos já citados do poema “O bicho”, de Manuel Bandeira, e de modo bastante direto ao poema “Consolo na praia”, de Carlos Drummond de Andrade. O próprio título da crônica “Protesto tímido” se reporta ao poema de Drummond e aos versos transcritos por Sabino que destacam e reforçam os dados estatísticos (nada menos que 25 milhões no Brasil) e as indagações do autor (“Qual seria a reação do menino se eu o acordasse para lhe dar todo o dinheiro que trazia no bolso? Resolveria o seu problema? O problema do menor abandonado? A injustiça social?”):

A injustiça não se resolve.  
À sombra do mundo errado  
murmuraste um protesto tímido  
Mas virão outros.

Tudo somado, devias  
precipitar-se, de vez, nas águas

Estás nus na areia, no vento...  
Dorme, meu filho.

Esse procedimento de alusão ao poema de Drummond revela como Sabino compõe suas crônicas mediadas quase sempre pelo elemento intertextual. Aliás, o diálogo que Sabino estabelece, na maioria de suas obras, é com escritores mineiros. O fato de Sabino inserir em seu texto a voz ou o nome do outro, originando, assim, um diálogo intertextual, contribui para a formação de um novo discurso. No caso de “Protesto tímido”, o poema de Drummond funciona não só como título e forma de compor a denúncia social tímida do cronista, mas também como modo de construção do texto, pois o alento do poeta ao menino, pedido que ele durma, ocorre também no final da crônica de Sabino: “Pode ser. Mas a verdade é que hoje eu vi meu filho dormindo na rua, exposto ao frio da noite, e além de nada ter feito por ele, ainda o confundi com um monte de lixo”. Aqui, é como se Sabino reconhecesse a pequenez da crônica (como gênero menor) – e ao mesmo tempo híbrido (portanto aglutinador também de outros discursos) – e buscasse modular sua voz crítica pela do poeta social<sup>3</sup>; tais aspectos também estão nitidamente expressos nos trechos: “Então vim pra casa, os versos do poeta se repetindo na minha cabeça”, “Não sou poeta e minha prosaica competência se limita a este retângulo impresso, onde me cabe escrever amenidades sobre a vida de todo dia, para distrair o leitor”. O espaço onde o autor podia denunciar sua crítica era o mesmo “retângulo impresso” que tratava das amenidades cotidianas, dos embates reais com os leitores, das discussões sobre seu fazer diário. Acontece que nesta crônica o autor transmitiu um apelo moral levando o leitor a convir “que não é nada ameno como assunto um menor abandonado que [me] pareceu a poucos passos um simples monte de lixo”. Destacamos ainda que, embora esta crônica “Protesto tímido” se relacione diretamente com o poema “Consolo na praia”, de Drummond, o texto também dialoga

---

<sup>3</sup> Não podemos nos esquecer de que o poema “Consolo na praia” faz parte de *Rosa do povo* (1943-1945).

com o poema “O bicho”, de Bandeira, pelo fato de um ser humano se assemelhar a um “monte de lixo”.

Sabemos que a literatura, além de nos informar, divertir e transportar para uma esfera imaginária, pelo viés da ficção, também possibilita que o leitor se confronte com a realidade do mundo exterior, se identificando e vivenciando situações alheias a seu mundo real. E é por meio da literatura, cuja função diz respeito a seu caráter humanizador, que o leitor “abandona temporariamente sua própria disposição e preocupa-se com algo que até então não experimentara. Traz para o primeiro plano algo diferente dele, momento em que vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo.” (ZILBERMAN *apud* CAVALCANTI; PEREIRA, 2010, p.3) Exemplo claro desta assertiva encontramos na crônica “Menino de rua” e mais nitidamente em “Protesto tímido”.

Se na crônica “Menino de rua”, o tom de denúncia surge pelo eufemismo que caracteriza o menor abandonado – ele não é da rua, mas está na rua – e temos a inserção da voz deste como espécie de relato da realidade brasileira, em “Protesto tímido” são os dados estatísticos e as vozes de Bandeira e Drummond – não de qualquer Drummond, mas do poeta de *Rosa do povo* (1943-1945) – que elevam a realidade ao nível da crônica social e esta para o território da poesia.

O texto “Conversa de motorista”, do livro *O gato sou eu* (1990), cuja temática é também social, reflete sobre a difícil sobrevivência dos seres humanos, principalmente dos menos favorecidos. O texto é um exemplo claro do hibridismo da crônica (sobretudo das de Sabino) por se associar à forma do conto, visto que não temos a inserção da voz do narrador-autor (associado ao cronista), como ocorria em outras crônicas, mas tão somente um monólogo-narrativo a partir da voz de um motorista de táxi, que conduz possivelmente o escritor para algum lugar de Copacabana.

- Nem bem o homem entrou no táxi, senti uma coisa fria me espetar o pescoço, aqui do lado direito. Olhei com o rabo do olho e vi que era uma faca, comprida e fina. Eu mal havia prestado atenção no homem, para mim era um passageiro como outro qualquer. Agora,

olhando pelo espelho, podia ver a cara dele, também comprida e fina, mas de sofrimento e miséria. Não reage não que eu te mato, ele falou, com voz trêmula: me passa todo o dinheiro.

- Apesar da faca no meu pescoço, ou por causa dela, eu pensava rápido uma maneira de sair daquela: lá se ia todo o meu rico dinheirinho, que era a fêria daquele dia. Uma fêria das boas, pra quem mal tem feito pagar a gasolina. Então, apesar do medo todo, procurei ganhar tempo: calma, companheiro, eu falei mansinho pra ele, cuidado com essa faca que você me machuca, eu vou te dar tudo, não precisa de violência.

- E como ele ficasse quieto esperando, continuei: tanta gente por aí nadando em dinheiro e você tomar de outro pobre feito eu. Por que fazer isso logo comigo, companheiro? E já apalpando o bolso pra tirar o dinheiro e passar pra ele, que a ponta da faca já estava me machucando o pescoço.

- Foi quando de repente ele me responde: faço isso porque estou desesperado, não sou ladrão, nunca roubei, mas tenho cinco filhos em casa morrendo de fome.

- Então eu respirei fundo e continuei: entendo a sua situação, a vida está dura mesmo, vou te dar tudo, já disse, mas cuidado com essa faca, não é preciso me matar, também tenho filho pra sustentar. E propus, ali na marra: olha, vamos fazer uma coisa. Isto aqui é toda a fêria de hoje. Se você concordar, fico com uma parte pra gasolina e te dou o resto. Mas se é verdade mesmo o que você está me dizendo, então larga essa faca e vamos juntos comprar com esse dinheiro mantimento pros seus meninos. Pela felicidade da minha mulher e dos meus filhos que estou falando a verdade, e acredito que você também está. Mas primeiro larga essa faca.

- Então, pra surpresa minha, ele atirou a faca no banco da frente. E ficamos os dois no táxi em movimento, ele sentado na ponta do banco e debruçado no da frente, eu dirigindo como se ele fosse um simples passageiro de conversa comigo. Mas a minha cabeça ia no meio de uma nuvem: sem a faca, eu podia acabar com ele, fácil, fácil.

- Em vez disso, pra encurtar conversa: parei em frente do primeiro supermercado e descemos os dois pra comprar mantimento, ele escolhendo e eu fazendo as contas. Só comprou coisa de comer e de primeira necessidade: era um sujeito com cara aflita e encardida de pobreza, agora eu podia reparar. Não tinha mesmo jeito de assaltante e teve um momento que até me pareceu mais tranquilo, como se fosse um companheiro meu ali fazendo compras. Paguei, levamos tudo pro carro, perguntei onde é que ele morava. Era uma favela, ele foi me indicando o caminho.

- Quando chegamos, fez questão que eu subisse até lá, pra ir olhar no barraco a verdade do que havia dito. E era mesmo, pude ver com estes olhos: uma escadinha e cinco meninos maltrapilhos e

famintos, amontoados naquele barraco como bichos, uma miséria danada. E tudo morrendo de fome. A mulher dele nos olhava com aquele jeito parado de quem já acostumou a sofrer. Fiquei revoltado, mas que é que se pode fazer? Só mesmo assaltando. É uma panela de pressão, os ricos não estão ligando, mas isso mais dia menos dia vai estourar.

- Quando saí de lá, vi que ele estava com vergonha de me olhar. Não tive nem coragem de me despedir, fui embora sem me virar pra trás. Olha aí, estamos em Copacabana, onde é mesmo que o senhor quer ficar? (SABINO, 1990, p.125-127).

Até este momento foi possível constatar que, para a escrita de uma crônica, Sabino sempre saia em busca de assuntos em notícias de jornal, cartas de leitores ou na simples contemplação do cotidiano ou da vida alheia. Não obstante, tal não acontece aqui, pois a construção desta “crônica-conto” se baseia na observação/narração de outra pessoa (um motorista de táxi) que ganha “voz” e espaço por meio do cronista. Conforme indica o título, o texto sugere ser uma conversa ouvida pelo cronista e reproduzida estilisticamente por ele. Na verdade, trata-se de um monólogo, pois a “voz” que sobressai é a do motorista que nos conta um episódio que aconteceu em seu táxi.

Observando o texto apenas pelo título, idealiza-se que “Conversa de motorista” seja uma conversa banal, apenas para “puxar papo” e passar o tempo enquanto conduz o cliente ao destino mas, no entanto, o que vemos no texto é mais um exemplo da força da literatura na sua capacidade de humanização, de nos colocarmos no lugar do outro e reconhecê-lo. Por tratar de temas universais como a fome, o sofrimento e a desigualdade social, o texto de Sabino, à medida que promove essa humanização na própria personagem-narradora (o taxista), desperta em nós leitores o que Candido denominou de “quota de humanidade”.

Percebemos que em muitas crônicas (principalmente nessas que tematizam questões sociais), Sabino escolhe personagens específicos: negros, pobres com “cara comprida e fina de sofrimento e miséria” ou “aflita e encardida de pobreza”, chegando mesmo a descrevê-los e compará-los a bichos, animaizinhos. Essa descrição bastante metafórica das personagens está progressivamente explícita nas crônicas que

analisamos anteriormente. Em duas delas, “Protesto tímido” e “Menino de rua”, as personagens são crianças em condições de total carência social. Em “Notícia de jornal”, a personagem, apesar de adulta, se encontra em total situação de abandono. Aqui, em “Conversa de motorista”, ambas as personagens são adultas, que saem em defesa de sua família: um, no entanto, procura não só a subsistência da família, mas sua sobrevivência: “uma escadinha de cinco meninos maltrapilhos e famintos, amontoados naquele barraco”; “A mulher dele nos olhava com aquele jeito parado de quem já acostumou a sofrer”.

Não apenas as personagens se encaixam em um tipo específico, como o espaço social é também determinado: tratam-se geralmente de favelas e periferias cariocas, lugares pobres e afastados, de uma “escuridão miserável”, sempre em contraste com locais de prestígio e riqueza como é o caso desta crônica: favela (morada do “assaltante”) e Copacabana (destino final do passageiro-cronista).

Aliada a esses elementos, a própria circunstância em si – um pai de família disposto a qualquer coisa para alimentar seus filhos, – comove e revolta o leitor. Como diz o taxista, “só mesmo assaltando”, pois “o que é que se pode fazer” diante de “uma miséria danada”? “Conversa de motorista” se associa, assim, à crônica “Quando menos se espera”, na qual a longa fila na porta do escritório de advocacia revela o estado de privação e carência do que estão à espera de um milagre.

***Social chronicles: a sheepish protest***

***Abstract:*** *In this article we highlight the category "social chronicle", derived from our study on chronic Miner Fernando Sabino. The social chronicle also originates from prosaic observation, however, the topics covered in social chronicles refer to human and universal issues and is in the form of a "timid protest" that the author resorts to poetry to assert its criticism.*

***Keywords:*** *Chronic, Chronic Social, blatant everyday, Sabino.*

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, Carlos Drummond. [e outros] **Elenco de cronistas modernos**. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

BANDEIRA, Manuel. **Manuel Bandeira — 50 poemas escolhidos pelo autor**. Ed. Cosac Naify – São Paulo, 2006.

CANDIDO, Antonio. A Vida ao rés-do-chão. In: **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias; PEREIRA, Cilene Margarete. **O valor e a importância da Literatura para a formação do homem: dois autores, Machado de Assis e Manuel Bandeira**. In: Travessias. Ed.10. Cascavel, PR: Unioeste, 2010. Disponível em: <http://www.unioeste.br/travessias/EDUCACAO/O%20VALOR%20E%20A%20IMPORTANCIA.pdf>>, acesso em 04/11/12 às 19h54min.

SÁ, Jorge. **A crônica**. São Paulo: Ática, 2005.

SABINO, Fernando. **A mulher do vizinho**. 18ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

SABINO, Fernando. **A Vitória da Infância**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1995.

SABINO, Fernando. **O gato sou eu**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1990.